

DEPOSITO LEGAL

MARIA RITA



SEMANARIO

MEMORIAL

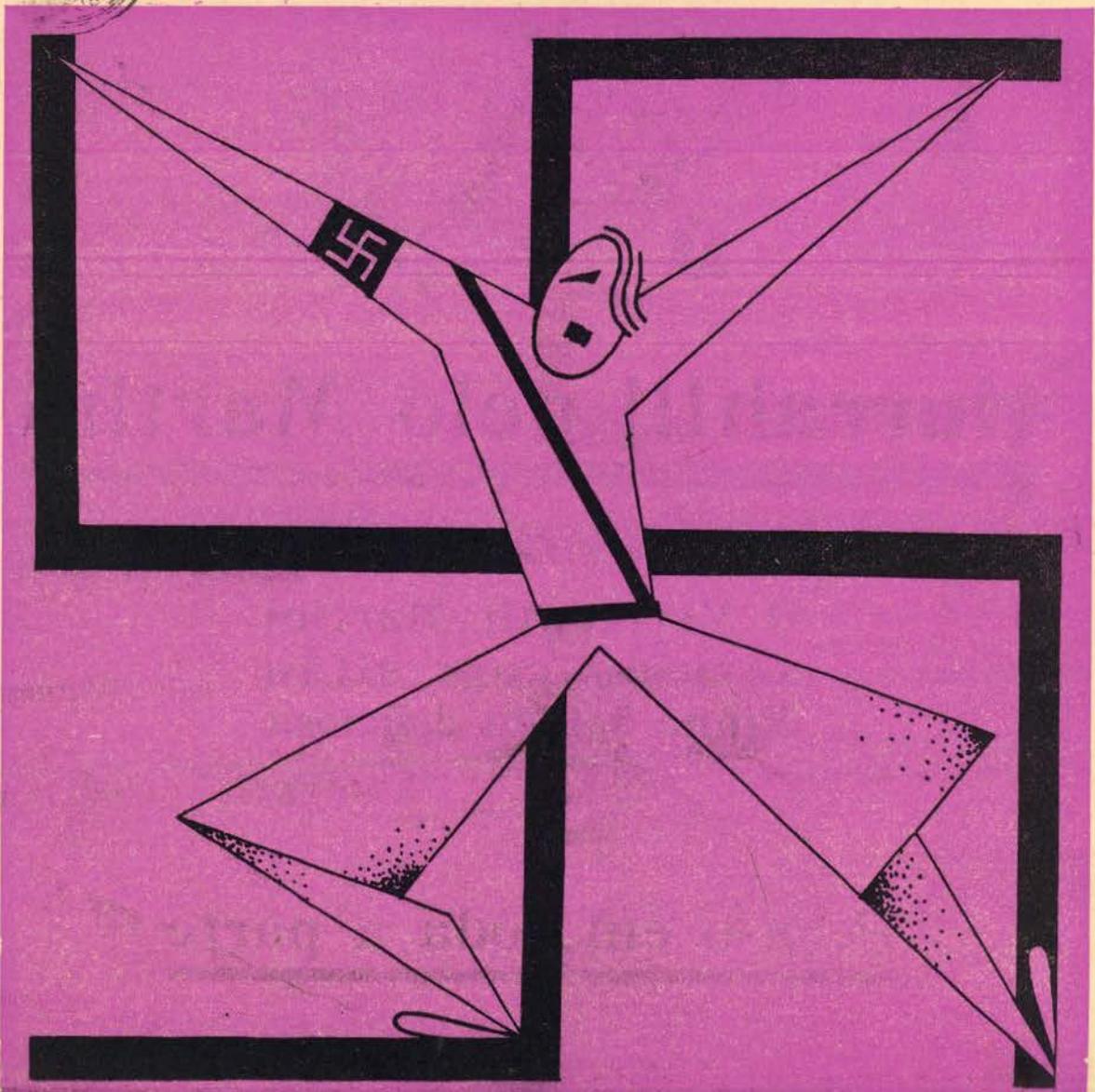
Respondo a pedido de
**ARNALDO LEITE
CARVALHO BARBOZA
JOSE DE ARTIMANNA**

Director Artístico e Secretario da Redação

OCTAVIO SÉRGIO



A SEMANA SANTA



Hitler Nazareno Rei dos Judeus

Propriedade da Empresa do Magazine «Civilização» L.^{da}

Redacção e Administração,
Rua do Almada, 107-2.º
Telefone, 1819—PORTO

Composto e impresso na
Imprensa Portuguesa,
::: Rua Formosa, 116 :::

EDITOR:

E. COSTA MONTEIRO



Directores literários:

Arnaldo Leite, Carvalho Barboza e José de Artimanha

Director artístico e secretário da redacção:

Octávio Sérgio

Condições de assinatura:

Continente e Ilhas

Ano 45\$00
Semestre 24\$00

Colónias

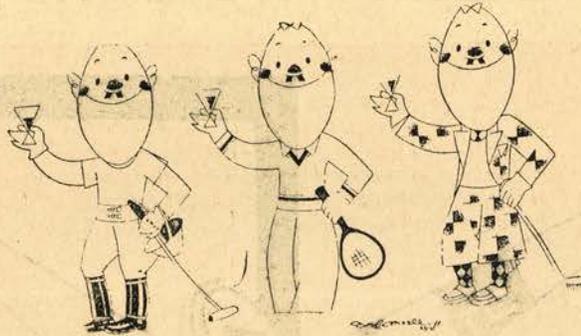
Ano 50\$00
Registado 70\$00

Estrangeiro

Ano 60\$00
Registado 100\$00

Número avulso 1 escudo

Anúncios: Preços convencionais



Hurrah!!! pelo Martini

O Vermouth Martini
servido com sifão
é uma bebida deliciosa

Peça-o em tôda a parte



Factos & prestações

Crónica anacrónica

Completa hoje — precisamente no instante em que lá fora, na luz gloriosa da manhã, os foguetes e os repiques dos sinos celebram a queima do Judas — o seu primeiro aniversário a MARIA RITA. Mais uma flor colhida no jardim da sua existência, como se diz em estilo de comunicado festivo. Flor que não deixou de entontecer, com seu aroma forte, um certo número de cavalheiros de sistema nervoso mais susceptível, e que também não deixou de ter espinhos... pelo menos para a Redacção. Ainda bem que a Administração os não sentiu; ou, pelo menos, os sentiu tão debilmente que não sangrou demasiado no traumatismo dos seus acilhões.

Foi vivendo e crescendo a prometedora criança, rechonchuda e miópe como é hoje da praxe (já repararam na porção enorme de crianças que actualmente usam óculos?) e dotada de tamanha vivacidade e graça que é o encanto de muita gente, sobretudo dos pais. Tendo abandonado os seios maternos — dos quais se desgostou profundamente ao atentar no refeito busto da Dama Desconhecida, ali ao fundo da Avenida dos Aliados — passaram a alimentar-se de várias farinhas, até se fixar nas sopas de pão tipo-único. Claro que teve uma enterite que a ia lambendo. Mas como o que não mata engorda, e o tipo-único — que é único no mundo — a não matou, ei-la que começou de ganhar adiposidades dignas da admiração e da inveja de aquela bailarina teniforme que o Amaranthe nos apresentou aí, ao entreabrir do inverno passado. E já ninguém, agora, consegue tombá-la. Nem sequer a detenção. Porque a MARIA RITA não precisa de dentes. Bastam-lhe as unhas. Arranha, mas não morde. Se alguns dentes lhe nascerem, hão de romper ao invés do costumado. Primeiro, os do siso, — que aliás faltam a muita gente boa. Depois, alguns incisivos. Caninos, nunca. A MARIA RITA dispensa-os porque não come carne. Neste ponto é como o Dr. Amílcar de Sousa, que não pode ver este terceiro e refalsado inimigo do homem. Bem lhe bastam, para tormento seu, os outros dois: o diabo, sempre a espicaçá-la a-fim-de que verbere as mazelas do próximo; e o mundo, — para se rir de êle.

Confio em que a MARIA RITA disporá de longa vida porque tem uma sólida constituição, — mais sólida que a de Weimar, que se vai escoando em sangue sob as fachadas de Adolfo Hitler. E espero que, por maiores que sejam os seus inimigos, não precisará, para sua defesa e manutenção, de camisas pardas ou azues. As que ela usa são antigas, cheias de folhos, amplas

como um capote alentejano, castamente afogadas no pescoço e descendo até aos tornozelos. Tudo quanto possa haver de menos moderno, mas de mais honesto. Como todos os homens sabem — excepto os solteiros, claramente — as mulheres hodiernas não usam camisas. Usam meio metro de tecido transparente, cingido ao corpo como a túnica de Nesso, de um só pano e de uma só costura, que principia um palmo abaixo das axilas e termina meio metro acima dos joelhos. Chama-se a isto uma *combinação*; vocábulo muito pouco apropriado, sem dúvida. Uma combinação supõe sempre duas partes contratantes, e qualquer mulher da moda não pode representar mais do que uma das forças de êsse binário. A não ser que — para empregarmos linguagem algébrica — por detrás de cada *combinação* esteja um *arranjo*...

Mas voltemos à MARIA RITA.

Referi-me aos seus inimigos. Tem-nos, sem dúvida, como toda a gente que se preza. Mas muitos amigos também. De toda a parte, desde Melgaço ao Cabo de Santa Maria e desde as Ilhas Adjacentes ao nosso recuado domínio da Malásia, lhe chegam a todo o momento saudações afectuosas, palavras de entusiasmo e de incentivo. E isto, para um jornal humorístico, numa época em que o humorismo não pode trejeitar à sua vontade, é prova evidente do agrado que o nosso semanário tem colhido e da simpatia que vai grangeando. Não admira. Mal me fica o dizê-lo, mas é muito boa rapariga. Um pouco galhofeira? Amiga do riso e da troça? Pois é essa a sua melhor qualidade. Saber rir e fazer rir, deixar de representar um passatempo para passar a ser uma terapêutica. Reparem em que somos um país de seis milhões de trombudos. A apagada e vil tristeza já criticada pelo épico quinhentista não foi uma figura de retórica; foi uma grande verdade. Depois de Gil Vicente nunca mais soubemos rir. Nas nossas festas, nos nossos cortejos, nas nossas consagrações, há sempre um pouco de funeral. Andamos pelas ruas como pelas áleas de um cemitério, e conservamo-nos num salão como se estivessemos numa igreja. O nosso Carnaval é bem um princípio de Quaresma. E a nossa Aleluia tem muito de Sexta-Feira de Paixão.

Provocar o riso num povo assim é tarefa difícil, mas é uma obra de misericórdia. Mais grandiosa e benemérita do que vestir os nus e ensinar os ignorantes. Porque os nus, com o advento do nudismo integral, não querem ser vestidos. E os ignorantes, em Portugal, não querem aprender. Basta-lhes serem bacharéis.

Leitor amigo! Ao completar o seu primeiro ano, a MARIA RITA saúda-te. Mas não como os morituros de Roma saúdaram o César. Ao contrário. A MARIA RITA não tenciona morrer tão cedo, — embora algumas almas piedosas pretendam lançá-la às feras. E é cheia de vida que bebe um cálice de *Pôrto* pelo prolongamento da tua.

Marcial JORDÃO.



ALNALDO LEITE e CARVALHO BARBOSA

Desde este número em diante, deixam estes dois ilustres comediógrafos, de fazer parte da Direcção da MARIA RITA.

Embora se encontrassem desde há muito afastados do serviço activo, sobretudo o segundo cuja saúde e afazeres não permitiam, lamentamos o facto sinceramente, e saudosamente aqui deixamos a expressão do nosso agradecimento pelo tempo de bom convívio.

D'ora-vante, MARIA RITA, que já anda por si (começou a andar ao ano), será levada pela mão do José de Artimanha até aos lugares onde tem ido.

E se para alguma coisa servir aos ex-directores a afirmação de um jornalista, que êles fiquem certos da nossa lealdade e boa camaradagem.

Balancete da semana

Recortei com cuidado uma notícia, que algumas *pinhas* já deixou malucas e que vale um poema todo inteiro. Publicou-a o doutor Bernardo Lucas há dias no *Janeiro*. É o caso — não vulgar — que uma senhora do distrito de Aveiro, que tinha uma fortuna tentadora e, ao que supponho, sem nenhum herdeiro dispôs em testamento que os seus valores fôsem empregados na erecção de asilo — monumento p'ra médicos sem *cheta* e advogados. Não foi para mendigos, que em geral teem muito mais amigos: foi para cavalheiros diplomados. Ah! Conhecia o mundo e a vida hodierna essa cândida alma feminina que eu calculo bem terna e cheia de bondade feminina. Sabia que no globo incerto e vário, onde Deus semeou o luto e a dor, há hoje um proletário mais infeliz que o tímido operário, mais desgraçado do que o cavador. Pobres de pobres, são os bacharéis, dignos de compaixão e de epicédios, — ou apliquem as leis ou apliquem remédios. Asilá-los na atroz decrepitude, quando o inverno lhes chega impiedoso, é um acto bom, tão cheio de virtude como beijar as faces dum leproso. Porém, se o architecto lá construir, mesmo sem dar nas vistas, uns aposentos para jornalistas, ficaria o Asilo mais completo...

*

* * *

Na capela dos Anjos, que o demónio aos amigos cedeu de Santo António, inauguraram suas reverências, como há muito convém, uma séria feliz de conferências só para homens, — e p'ra mais ninguém. Li isto nos jornais, e fiquei a pensar: — Que diabo ouvirão os homens mais que as senhoras não devam escutar? Que lhes ensinará êsse velhinho prégador, cheio já de cãs e rugas? A maneira de pôr o colarinho? de calçar as cuecas e as peúgas? Depois de matutar, não pude adivinhar o x de êste problema. De-certo as conferências teem um tema muito pouco vulgar. Se calhar, são lições pe arqueologia, história antiga onde o saber campeia; e os homens que lá foram outro dia viram, em colossal cinegrafia os frescos de Pompeia...

Caminha, Judeu, caminha

Há povos que teem a sua sorte marcada. E êste é um dêles. O povo Judeu actualmente, é considerado como um judeu errante. Ao passo que a Alemanha, pela bôca do futuro Kaiser, Hitler I, os afugenta de todos os lugares por mais comuns que sejam, e os não deixa em nenhuma posição por mais cômoda que pareça, as outras nações porfiam em abri-lhes as portas, contanto que êles lhes abram as bôlsas. Porque tôda a gente sabe que os 40 dinheiros porque foi vendido Nosso Senhor Jesus Cristo, representam hoje uma soma de espantar, em virtude dos juros a uma taxa desgraçada. Esta coisa de taxa aqui já é favor, porque tôda a gente sabe que Cristo foi pregado com pregos.

O que é certo é que êste movimento de perseguição judaica, fêz um eco formidável em todo o mundo cristão, e que demonstra suficientemente que tôda a ofensa esquece e passa por mais dolorosa que seja. A MARIA RITA fazendo-se colaboradora das belas acções internacionais, já proibiu aos seus empregados de trabalhar ao Sábado depois das 6 horas da tarde, e prometeu a si mesma não voltar a comer toucinho, enquanto se não resolver definitivamente essa coisa da boicotagem. Por outro lado, pôs ao dispor de todos os Isaacs, Samueis, Levys e mais perseguidos, as salas da sua redacção e as *colunas* do seu templo.

Quando tal se soube em todo o mundo judaico, choveram na nossa mesa os telegramas de condolências, e a MARIA RITA foi arrancada à força das mãos dos nossos vendedores internacionais, que também andam sem chapéu, graças à crise. De entre os milhares de telegramas recebidos, vamos destacar dois, que nos parece, são os de maior importância:

Bom Jesus do Monte, (10 do corrente). *Judeus de tôdas as capelas, reúnidos em Assembleia Geral, felicitam sinceramente vossa participação mal estar geral da nossa raça. Mandaremos Longuinhos visita especial, vosso director Artimanha, cujo árvore genealógica se encaixa na figueira de Judas.*

O outro é dos habitantes do Monte dos Judeus, e diz assim:

Monte dos Judeus, 11 — *Povo esclarecido êste monte, saúda incondicionalmente, MARIA RITA, a única Maria que não esteve nem podia estar aos pés da cruz no monte das Oliveiras. Raça espezuinhada calcanhar Hitler, saberá erguer-se e pregá-lo na cruz das quatro pontas partidas. Israel, Israel!...*

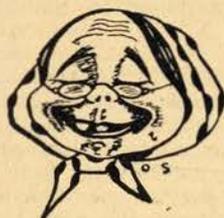
Também recebemos um outro telegrama vindo do Além, que não publicamos por falta de assinatura comprovada. Podemos dizer apenas, que rezava assim, dirigindo-se à imagem do homem do meio bigode da Alemanha:

Dormes e eu velo sedutora imagem...

O 1.º aniversário da "MARIA RITA"

O que é o nosso humorismo

E'-nos completamente impossível escrever humorismo dentro daquele sentido que a maioria compreende. Não quero isto dizer que nos comparemos aos humoristas de verdade que as letras pátrias teem tido, realizadores das grandes maravilhas escritas e desenhadas,



escusando citar-lhes os nomes já de há muito aureolados pela fama e senhores dum crédito absoluto que ninguém, de bom senso, pode contestar.

Mas, e a-pesar-disso, a nossa preocupação de acertar na carreira e a orientação que melhor e mais adequada nos parece, toca de perto a crítica galhofeira dos factos e das coisas que os homens praticam—umas vezes sem a plena consciência dos seus actos e outras, muito senhores do seu nariz.

Por isso, tal como a nossa inteligência no-lo impõe, longe estamos de agradar à maioria e, porventura, a poucos satisfaremos.

*
* *

Já um dos Directores da MARIA RITA se referiu à forma ingrata do jornalismo humorístico. E de facto, para que êle se imponha, não basta que a imaginação seja fértil na criação de figuras jocosas e se criem descrições hilares. E' preciso mais e melhor—observar a vida dia a dia, anotando deslises e vai-



dades e fustigá-los, com decência, embora se usem expressões contundentes.

Entendendo-o assim, e por que o nosso valor é zero, a nossa missão na MARIA RITA tem sido de pouca monta, resumindo-se a pequenas coisas e sem responsabilidade, já por temperamento e já por que nos sentimos pequeninos

à beira do patriarca da casa—Marcial Jordão—cujo nome, só por si, enche um jornal, autorizando-o com a honestidade dos seus processos. O leitor,



que certamente lê com gosto tudo o que sai da pena dêste categorizado homem de letras, tem, na terceira página, matéria de substância que o satisfaça sobre o motivo que nos levou a escrever. E' para lá que eu o remeto, na certeza de que mo agradecerá, reconhecido e obrigado.

*
* *

MARIA RITA completa hoje o seu primeiro ano. Nós sabemos bem o que foram estas cinqüenta-e-duas semanas, porque a acompanhamos desde o primeiro número.

Compreendemos o esforço que tem sido necessário para vencer a inércia de



alguns que tudo lhe prometeram de principio e logo lhe faltaram, talvez para justificar o rifão—«Não cabem dois proventos num sacco».

Mas, firmando-se bem, a gorducha lá foi seguindo, risonha umas vezes, gargalhante outras, séria e grave, de óculos na testa ou acavalados no nariz, consoante as circunstâncias o determinaram.

Nada a atirou abaixo: nem as más vontades nem os rancores e os insultos.

Sempre firme no seu pôsto, ela resistiu aos embates mais variados e desabridos.

Os senhores podem ver, pelas expressões da aniversariante que ilustram esta prosa, os variadíssimos estados de alma por que ela passou durante o ano.

Mas, a despeito dos inúmeros despeitos que ela tem causado,—sempre com justiça!—ela aí está radiante e pronta a continuar outro ano de luta e de galhofa, para gáudio de uns e rancor de outros, que nunca lhe perdoarão os remoqueos com que os visa.

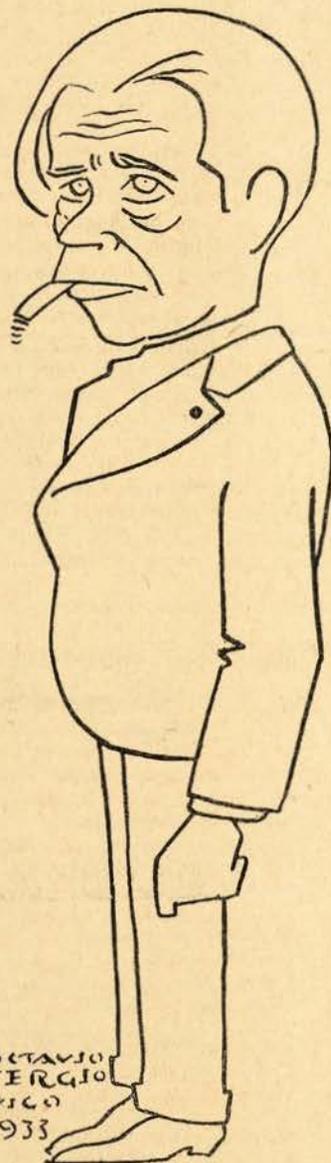
ALICK.

PERFIS DO PORTO

XLI

REINALDO FERREIRA

(Reporter X)



OCTAVIO
SERGIO
VICO
1933

Um perfil a três quartos. Não admira: foi feito em Vigo onde por cada quarto se pagam pelo menos três.

Agora já se pode mandar alguém à América!...

Viva a humidade internacional!... Viva a confraternização das guelas!... Viva a escorregação pelo esófago!...

A MARIA RITA não podia deixar de acompanhar a evolução da crise americana.

Por isso tirou-se dos seus cuidados, comprou uma mão cheia de dólares, e disse ao seu enviado especial que estava entre as galegas:

—Dá um salto à América e vê lá aquilo da lei seca!...

E éle lá se desenrosçou como pôde, deu o salto, poisou na terra dos arranha-céus, e mandou-nos o que se segue e é interessantíssimo.

New-York, 6—Cheguei agora mesmo. São 8 horas da noite e já ninguém pode estar sossegado. Brilha em todos os rostos um desejo insaciável de beber. Ninguém fala em crise; fala-se em cerveja. Ninguém quer saber dos pagamentos das dívidas de guerra; pensa-se em bebedeira.

As senhoras, quasi tôdas até se vê por fora, que são húmidas.

N.-Y., 6 às 10 horas da mesma noite—As gargantas yankees, com os oito anos de segura que teem atravessado, até abrem rachas de amedontrar. Um cidadão que caiu na asneira de dar um estalido com a língua no céu da bôca, rachou de meio a meio. Um horror! Só à minha vista já se deram 175 casos de loucura furiosa. E a meia noite não chega!...

N.-Y. nem 6 nem 7, meia noite—Abriram-se as torneiras, meu Deus! Com certeza que o Dilúvio universal foi uma coisa de muito menor monta.

Dos 75:423 bancos que estavam fechados, abriram 75:421 como vendedores de cerveja. Nova *corrida* e novo esgotamento dos depósitos... de cerveja. Tive a infeliz ideia de falar em vinho verde e fui levado em triunfo até à Casa Branca, onde Roosevelt me apresentou cumprimentos de boas-vindas com os pés metidos em duas bacias de cerveja. Um delírio!

N.-Y., 7, 1 hora da madrugada—A estas horas, só se veem pipos vazios e homens com a torneira na mão. O delírio é indescritível. As pipas andam de mão em mão, e os barris oferecem os seus serviços gratuitamente. Nas ruas há uma percentagem de 99 % de etilizados. Está provado que a *humidade* faz mal ao reumatismo, porque se veem em quasi todos os passeios, desgraçados que não podem dar uma passada.

Consta que Hoover apanhou uma tachada.

N.-Y., 7, às 7 da manhã—Nova Yorca (como diz *O Comércio do Porto*) é um verdadeiro campo de batalha. As granadas de mão (vulgo cervejas) juncam o asfalto de tôdas as quintas Avenidas. O movimento é nenhum, porque os *nova yorcanos* (sempre seguindo o *Carqueja*) tanto andaram com a cabeça à roda que acabaram por ourar. Afinal o Hoover não apanhou uma tachada; foi uma osga de caixão à cova.

N.-Y. 7 às 9—Viva a lei seca. Vivam as duas estátuas da *Liverdade*. Viva eu! Se calhar também estou bêbedo.

**“Maria Rita” não fuma?!
Mas... cheirava aqui atrás.**

(Réplica ao ilustre confrade «Rei Louro».)

«Rei Louro» de-certo estava
Cheio de neurastenia,
Quando disse que MARIA
RITA aqui atrás cheirava!

Se dissesse que fumava,
Inda se admitiria...
Por que às damas, hoje em dia,
Isso é dado e não agrava.

«Rei Louro», portanto errou,
Como provar-lhe já vou
Com o que passo a narrar:

Nunca cheirou a «Ritinha»,
E se tabaqueira tinha
Era p'ra dar a cheirar...

(Aveiro).

OLEGNA.

Os impossíveis dêste mundo

- Fazer disparar uma peça de pano.
- Chumbar um dente de alho.
- Apanhar pulgas com luvas de box.
- Evitar que a Páscoa *calhe* ao Domingo.
- Impedir que o Damião, de Cacia, escreva tolices no *Ecos*.

—Inventar uma loção para fazer crescer o cabelo ao José de Artimanha.

—Impedir que o Erico Braga use *capachinho*.

—Arranjar uma cadeira para o *Frontão* da C. M. L. se sentar.

—Arranjar forma que as minhas produções venham a lume na MARIA RITA.

Rei Louro.

**MARIA RITA é o jornal humorístico
: : : : de maior expansão : : : :**

Há vozes que não chegam
ao céu... mas formam ecos

Na margem sul do Tejo, em Cacilhas, existia desde há anos, uma numerosa família irracional, triste e melancólica, em que todos os seus membros eram designados pelo nome pouco inteligente de burros. (Até mesmo as burras).

Um dia (e estava a chover) uma burra deu à luz branca do luar (que poético) um burrinho, que começou logo a fazer burrice, por vir a este mundo.

Mas tinha muita força de vontade, e muita falta de modéstia e assim se pôs a aprender a falar. E conseguiu articular algumas palavras, o diabo do burro! Mas muito mal!

Assim, por exemplo, quando queria dizer: *Minha Mãe: se calhar hoje temos trabalho*, dizia: *Mia Mãe se caár hoje temo trabão*. Coitado!!

Um dia elevou a voz, num descampado, zurrrou, e ao longe formou-se o eco. Ele achou muita piada àquilo, e vai de chamar outros burrinhos para fazer muitos ecos.

Depois até já em Lisboa se ouviam os ecos de Cacilhas.

E um dia, (mas que negro dia!) o burrinho brincando, saltando e andando, etc., perdeu-se e foi parar não sei como, por esse norte fora.

Foi encontrado por um velhote aí por as alturas de Aveiro, a chorar.

—Donde és tu, inocente? Para onde vais e porque choras?

—*Eu pedi-me seor e sou de Cacias.*

—Vem daí que eu levo-te. E o bom do velhote pegando-lhe na arreata lá o levou. Mas o burrinho ficou desapontado, porque não era aí a sua terra Cacilhas, mas sim Cacia. Mas como a terra era linda gostou, e ficou.

Depois... recomeçou a zurrar, para formar ecos, seu passa-tempo predilecto, vindo aos poucos juntar-se-lhe alguns burrinhos dos arredores, formando juntos muitos ecos, e que já hoje são conhecidos por toda a parte, por *Ecos de Cacia*.

Zé BELINHA.

NAS

Galerias Lafayette

— da Rua 31 de Janeiro, 215—PORTO —

**todos os artigos
teem um cunho
parisiense inexcelável**

AUX GALERIES LAFAYETTE

Em virtude da solenidade do dia, não publicamos hoje esta costumada secção. Amanhã, se Deus quiser estão fechados os nossos escritórios.



A BANANA

A banana é um fruto absolutamente exótico; e isto de um fruto ser exótico, é quasi a mesma coisa que um individuo ser « estranja ». Não sei se me faço compreender... A banana apareceu à superfície do globo, na mesma altura em que surgiu o macaco e a sua respectiva familia.

Daí o facto da banana constituir para os macacos, macaquinhos e macacões, um delicioso manjar.

A banana nasce na bananeira, arbusto célebre, desde que o preto e a preta estiveram sentados debaixo dela.

Este fruto é absolutamente comestível, sendo para isso somente necessário que se descasque previamente.

Qualquer de vós, de-certo, já descascou a banana. E' fácil... Depois da banana descascada, pode-se comê-la inteira ou aos bocadinhos; no entanto, acho preferível comê-la sem a partir.

Sim, isto de partir a banana aos bocadinhos, não é nada simpático.

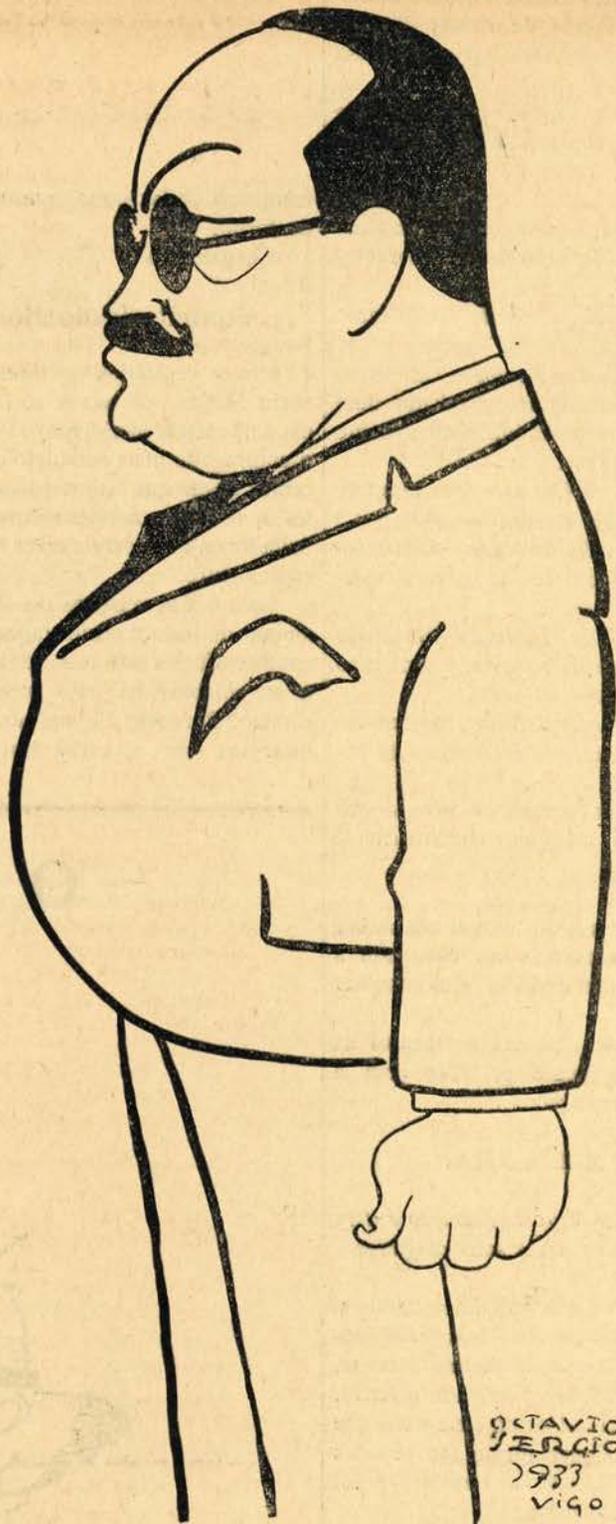
Da banana faz-se muita coisa (é melhor nem falar nisso); doce, compota, etc., e ultimamente os célebres e alimentícios produtos Banafina, Banaouro e Banacau (passe o reclame).

Pouco mais há a dizer sobre a banana, a não ser que é irmã gêmea de um outro « fruto » muito conhecido e sabroso: o banano.

O banano é conhecido aquém e além-mar, e por isso escusado se torna um grande palavreado sobre as suas qualidades e vantagens.

Apenas vos direi, que é comestível. Mesmo, quem há de vocês, leitores, que não comesse já o seu banano? Nenhum, de-certo. O banano é em geral comido em grande dose, por alturas do S. Martinho, de mistura com algumas « castanhas ».

LÉRIAS.



OCTAVIO
YERDIO
1933
Vigo

El Señor Alcalde de Vigo, visto pelo nosso director artístico



o melhor calçado

ALELUIA ALELUIA!

Dê-me os ovos minha tia.— Confiés— Amêndoas— Folares, etc., etc.

E' preciso que VV. Ex.^{as} saibam o número de afilhados que temos registado, para avaliarem a quantidade de ramos que no Domingo último vieram parar à nossa redacção.

Damos em seguida a relação de alguns para que nos não chamem mentirosos.

Da Federação de Foot-ball Nacional—Um ramo de perpétuas... derrotas espanholas.

Do Comércio do Pôrto—Um ramo de carneja.

Do sr. Carlos Santos—Um ramo de flores brancas, acompanhado dum elucidativo prospecto intitulado: «como eu vi estas flores».

Do «Ecos de Cacia»—Um ramo de hortemias mal escrito.

Do sr. Cunha da Raza—Um artístico bouquet de flores de nabo, já murchas infelizmente.

Do sr. Júlio Dantas—Um lindo ramo de flores de retórica, e uma mão cheia de elogios vicejantes.

Do sr. Ferreira Marques, ourives-joalheiro—Um vistoso bouquet de botões de ouro.

Dos irmãos Moreira da Silva, & F.^{os}—Um jardim completo com cascata e repuxo.

E por aí fora, um sem nunca acabar destas gentilezas que nos encheram a casa de perfumes exóticos, e os corações de gratidão.

E' verdade: também recebemos da Miss Espanha uma grinalda com a seguinte dedicatória:

A' MARIA RITA:

O comércio de Vigo agradecido e livre de crise nestes meses mais chegados.

Claro está que depois destas demonstrativas provas de consideração e amizade, e o mais que lhe queiram chamar, a MARIA RITA não podia ficar inactiva. Aproximava-se a Pascoa e ela tinha que pagar de qualquer forma tão grandes gentilezas. Meteu-se a caminho e foi procurar as amendoas.

Aonde? Preguntarão! Nas confeitarias, que é ainda o único sítio, onde se

Fazer circular a MARIA RITA, mesmo dada ou emprestada, é contribuir para a sua expansão sempre :: :: :: em aumento :: :: ::

compram destas coisas mesmo a saída do forno.

Chegamos à

Confeitaria do Bolhão

e fomos recebidos gentilmente pelo sócio Matias. Lá estava ao lado, servicial, impecável, sorridente, o velho Faria, o empregado mais completo que conhecemos desde que temos partido os dentes de encontro a êsses seixos luzidios e tentadores, que costumavam ter alguma coisa dentro.

Somos das relações do Matias, que apesar-de tudo é cortês (apostamos em como o Cortês não tem vontade de vir a ser Matias) há pelo menos século e meio. Por isso, êle mal nos viu, veio dizer-nos que a verba dos anúncios

estava esgotada desde o ano passado. Desfeito o equívoco, passamos ao nosso assunto. Deixemo-lo falar a êle que é mais verboso que nós:

— Isto êste ano está uma desgraça. Parece que tôda a gente já anda com a bôca doce. Se não fôsse ter exportado para a América, em antes da lei húmida, um contingente apreciável de amendoas de licor, estava perdido. Quanto às *torradas*, só se as servir ao chá! Quem me dera cá o Natal, a ver se fazia um bocadito de negócio. O nosso pão de ló, que é o verdadeiro de Margaride, está ali todo.

E deixamo-lo, porque era tanta a gente que nem nos podíamos mexer lá dentro.

Dali demos um salto até à porta pegaða da

Confeitaria Vilares

a respeitável firma *Gomes & Vale*, dois rapazes de tal forma completos, que a gente não chega nunca a saber, se é o Gomes que Vale, ou se é o Vale que Gomes.

Valeu-nos o Vale, que veio ao nosso encontro de braços abertos:

— Tenho muito gôsto em abraçar em V. Ex.^{as} a D. MARIA RITA, minha conhecida velha!... Desejam amêndoas ou uma entrevistazinha? Isto vai mal, isto vai péssimo! Calcule que a nossa fábrica de amêndoas ainda não parou um instante! Uma tristeza. A crise é pavorosa. Só se vendem as amêndoas francesas que nós fabricamos pelo método do Bensabat!...

Um horror. O nosso pão de ló, que

é o verdadeiro de Margaride, está ali todo enroscado.

E mais não disse porque um grupo de senhoras da nossa melhor sociedade, provava as amêndoas uma a uma.

Sáímos. E mal demos por nós, estávamos na

A Brasileira

onde ninguém se entendia, porque a Brasileira tem o costume de fazer bôlos-reis por dá cá aquela festa de família, ou de patriotismo. Esta casa pertence à firma Teles, Félix & C.^a, e tem os seus créditos firmados muito além do Atlântico. O Bôlo Rei da Pascoa traz êste ano, a nossa selecção completa do *foot-ball*, com botas e cheiro e tudo. Quem nos recebeu foi o sr. Nuno,

um rapazinho mexido que faz mexer aquilo tudo. Mexendo sempre, disse assim:

— Se os senhores soubessem! Este ano é uma miséria. As nossas amêndoas francesas são fabricadas pelo *Félix-Caillet* (outro Félix, salvo seja) que mora no segundo andar. São tão perfeitas que até dão gôsto à lingua. Mas não se vendem nada. Ontem esgotaram-se tôdas e hoje poucas temos.

Era necessário uma lei que obrigasse o povo a comer *torradas*.

Quanto ao nosso pão de ló, que é o verdadeiro de Margaride, não tem saído bem êste ano. Talvez as roscas não estejam tão bem feitas. Já nos lembrou meter-lhe qualquer coisa dentro; por exemplo: um aparelho de rádio...

Fugimos por causa das antenas, porque essas teriam de ficar à vista do freguês, e fomos direitinhos à

Confeitaria Oliveira

a velha casa dos srs. Faria & Vilaça, da Praça do Soldado Desconhecido.

Aí não podemos entrar. A gente era tão pouca, que só podemos lobrigar por entre um queijo, duas amendoas torradas. Ainda assim conseguimos ouvir lá para fundo alguém dizer:

— Isto está pela hora da morte. Ninguém compra nada. O nosso pão de ló, que é o autêntico Margaride, seca nos taboleiros. E as amendoas nossas, nacionais e melhores que as francesas, ficam para aí a grelar até ao ano. Já disse ao meu sócio para fecharmos a porta.

E tivemos de ir comprar as amendoas para dar aos nossos afilhados, à

Casa do Gatinho,

só para podermos decifrar esta choraminguice, perguntando ao proprietário do estabelecimento em alta voz:

— O' mestre onde é que está o gato?...

O que o Pôrto deviver mandado a Vigo

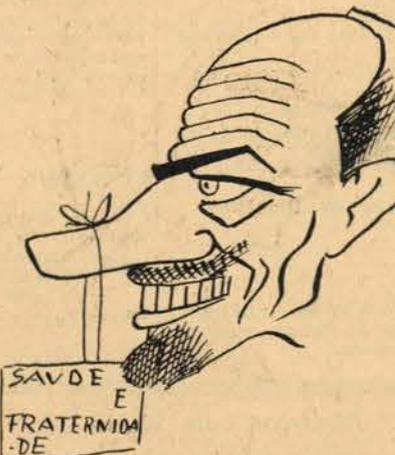
TRÊS JORNALAS DISTINTOS



O sr. Aníbal de Moraes, vestido de Vianesa...



Júlio Ribeiro, de brônio, em busto de Teixeira Lopes



O nariz quasi apolíneo do nosso querido Marcial Jordão



Laminas RITZ

De todas a melhor, especial para barbas duras, todas as boas casas a vendem a 1 escudo, dep. 162, 3.º Av. dos Aliados. Telex. 4650

A MELHOR QUE EU SEI

Anedotas, Epigramas & Calemburgos

No número 48 da MARIA RITA, foi premiada a anedota n.º 210

N.º 215

Strictamente familiar.
O Poeta — Agora os meus versos já são lidos pelo dóbrego de pessoas.
A amiga íntima — Ah!... Não sabia que já te tinhas casado.

Remetente: Marmanhão.

N.º 216

Uma senhora delicadíssima, como toda a senhora que se preza, a certa altura da viagem, num eléctrico, pede ao condutor:
— O senhor condutor faz-me a fineza de dar sinal na primeira paragemzinha?
E o condutor, delicadíssimo, como todo o condutor que se preza, respondeu:
— Pois sim.
Vendo a senhora que o carro não parou onde queria, voltou ao empregado:
— Eu que tanto lhe pedi que fizesse sinal na primeira paragemzinha e o senhor esqueceu-se...
— Não, minha senhora; aquela não é paragemzinha, é paragem zonn...

Remetente: Pingoso.

N.º 217

Um dia passava, a cavalo, de frente de uma barbearia, um aldeão.
O barbeiro, atrevido, pregou-lhe:
— Ouça lá: onde é que vocês vão os dois?
— Vamos buscar palha para nós os três, respondeu-lhe o homenzinho.

Remetente: Rutra Luar.

N.º 218

— Maria!
— Minha senhora!
— Onde está a nota de cem escudos, que eu tinha sobre esta mesa?
— Como a senhora já me tem dito que é mau agouro ter dinheiro por cima das mesas, eu meti-a na minha carteira.

Remetente: Artur Raúl.

N.º 219

Um ébrio discursava no meio da praça, cercado por alguns curiosos:
— Gastei hoje uma libra! — exclama com arrogância.
— Em vinho? — pergunta um dos circunstantes.
O bêbedo com ar de desprezo:
— Não, senhor; foi em ouro.

Remetente: Luciano da Rocha.

N.º 220

Durante a Exposição de Sevilha, um «terceto» composto por um inglês, um francês e um português, discutia acaloradamente acerca de dificuldades linguísticas.

O inglês, pretendendo impor o seu idioma como o mais difícil, citou Shakspeare, dizendo que se pronunciava *chei-k'-s-pi-úr*.

O francês discordou, alegando ser muito mais difícil a sua língua, e para exemplificar disse que a França tivera um sábio, cujo nome, escrevendo-se Pasteur, se lia *Pas-tár*.

— Tantas farroncas, quando, afinal, é a minha língua a que mais dificuldades apresenta, — disse o português. Em Portugal também tivemos um grande homem, um homem célebre, que se chamava Sebastião José de Carvalho e Melo, e se lia... Marquês de Pombal!!!

Remetente: Hipócrates.

N.º 221

Espirrando um homem de nariz chato na presença de um crítico, dizia este:
— Deus lhe conserve a vista.
— Porque me diz você isso?
— É porque o seu nariz não é próprio para lunetas.

Remetente: Guerra Anjos.

N.º 222

— Sr. Juiz! Eu dei duas facadas na vítima e o sr. Juiz condenou-me à morte. E se eu tivesse dado dez facadas, que me aconteceria agora?...
O Juiz, distraído:
— Morriera dez vezes...

Remetente: Luciano Rocha.

N.º 223

Um juiz pergunta a uma testemunha a sua profissão.
— Caixeiro.
— De quem?
— De mim mesmo.
— Você está a gracejar comigo?
— O meu ofício é fazer caixas, e, por isso, sou caixeiro de mim mesmo.

Remetente: Rei Vagabundo.

N.º 224

Entre dois espanhóis:
— Onde vais passar este ano a quadra balnear?
— A' vila X... que tem uma praia esplêndida.
— É saudável?
— Tão saudável que para inaugurar o cemitério foi preciso assassinar um dos seus habitantes.

Remetente: Biqueira?

N.º 225

No confissionário:
— Pois você comeu carne em dia de jejum?
— Perguntou um padre, horrorizado, a um ríscico que estava a confessar-se.

— Foi só chouriço e um pedacito de carne de porco, senhor padre — respondeu o penitente.

— Mas foi com a bula da Santa Cruzada?
— Não, senhor. Foi com ovos e uma garrafa de vinho.

Remetente: Jokato.

N.º 226

Entre dois amigos:
— Descobri a maneira de me ver livre dos credores, que me perseguem como D. João uma conquista.
— Bravo! — responde o outro. — Ensina-me cá esse processo.
— É simples: Pagar-lhes.

Remetente: Horácio Ferreira.

N.º 227

— Na estação do caminho de ferro:
— Fazia favor de me dizer a que horas parte o combóio das 9 e 45?
— A's dez menos um quarto.
— Que raio... A companhia anda sempre a mudar de horários.

Remetente: José R. Viana.

N.º 228

— O senhor nunca tem zangas com sua mulher?
— Não, senhor.
— Não se aborrece, nem tem arrelias com os seus criados?
— Não, senhor.
— Não se apoquentava com impertinências nem com as dores de cabeça dos seus filhos?
— Não, senhor.
— Mas que homem tão excepcional! Gostava de saber como pode ser assim.
— Muito simplesmente: sou solteiro e vivo sozinho.

Remetente: João Beleza.

N.º 229

Uma senhora inglesa foi visitar uma amiga portuguesa. Mas como esta não estava, recebeu-a o marido, que lhe andou a mostrar a casa; depois de ter visto várias dependências, a inglesa observa:
— Oh, mim querer ver seu cozinho!

Remetente: Shakespeare.

N.º 230

Uma senhora entra numa tipografia para mandar fazer uns bilhetes de visita.
— Quando estão prontos?
— Só amanhã...
— Oh! Isso é muito tarde. O senhor não tem aí nenhuns já feitos?

Remetente: José.

Restaurante Portuense
(ANTIGO PINTO)
DE MESSIAS DE ALMEIDA
Rua de Entreparedes, 11 — PORTO

Almoços com vinho 9\$00
Jantares com vinho 10\$00
Diárias com quarto desde 18\$00

Contos... sem ser de reis

Os 20 amigos da falta de limpeza

Havia ali para baixo, numa terra que fica à beira-mar, quasi duas dúzias de cavalheiros que primavam pelo excesso de porcaria, graças a todos os Santos! Se fôsse noutra terra, que não fôsse banhada pelas salsas ondas do Oceano, o que faria cada qual, era lavar-se o mais economicamente possível, ou tratar de procurar um meio de não deixar transparecer até à pituitária alheia a mazela corpórea do excesso de falta de limpeza.

Mas como tiveram a dita de nascer à beira-mar, um dêles, o mais porco talvez, ou o menos fingido, lembrou-se de dizer aos companheiros que a América estava ali mesmo em frente. Ao ouvir esta prerogação geográfica, ainda alguém lembrou que tinha sido um americano o inventor do papel higiênico; mas o profundo conhecedor do mapa-mundo, sorriu, e declarou que a América era a terra das grandes excentricidades. E que, já que lhe ficavam em frente, melhor seria do que tratarem de se lavar, assentarem desde já na fundação de um club de porcalhões comprovados, onde só fôssem admitidos os sócios que dessem provas materiais da sua sujidade nata.

E' claro que a proposta foi aceite entre as gerais aprovações dos circunstantes, e dentro de oito dias já estava formado pelos 19 maiores contribuintes da porcaria nacional, um club a que deram o pomposo título de «Os 20 amigos da falta de limpeza».

Desde logo, portanto, foi estabelecido um *quantum* de 20 sócios; mas foi impossível conseguir-se o vigésimo premiado, lá na terra, porque esta coisa de provar a porcaria, não é para todos os estômagos.

Foi nomeado presidente um homem tão avêso à limpeza, que nunca sentira crescer água na bôca, e para secretário geral um outro que espumava de raiva quando ouvia a palavra sabão.

Todos os sócios, é incontestado, antes de admitidos tiveram de dar largas provas da sua inclinação para a porcaria! No *bar* do clube havia apenas uma chávena que nunca fôra lavada, um único prato onde comiam todos a meias com o gato, e quando um dia apareceu, não se sabe como ainda hoje, uma toalha, a coisa

foi muito séria e esteve para ser substituído o presidente.

Viviam todos felizes, porque a verdade é esta: não há nenhum animal mais feliz do que o porco. Só uma nuvem empanava tão grande felicidade: era a falta do vigésimo sócio para que a sociedade ficasse absolutamente legalizada.

Quando o presidente declarou que dava de alvíscaras umas meias já muito usadas, ao sócio que conseguisse descobrir o outro que faltava, todos se puseram em campo.

Ao fim de alguns meses, uma noite, apareceu sorridente o sócio n.º 13 que tinha ido de longada à cata de um, trazendo na mão uma proposta que fazia dançar delirantemente por sobre a encaspada cabeça.

Imediatamente reuniu a direcção, e foi admitido à reunião o proponente, que espapaçou ante a mesa o quadrado de papel, onde, além das indicações necessárias e as impressões digitais estava escarrado o que êle chamava a prova provada de que o proposto, estava mesmo a calhar para o vigésimo.

Aberta a proposta, foi minuciosamente examinada por cada um dos presentes, que iam abanando a cabeça em sinal de aprovação tácita. Quando chegou a vez do presidente, êste olhou primeiro, cheirou depois, recolheu-se dois minutos em meditação, e arremessou de si a proposta com desenhado nôjo no semblante:

— Não serve, respondeu...

Todos os circunstantes se olharam espantados e o proponente pôde apenas articular:

— Ora essa! Então êsse homem que cometeu o inultrapassável gesto de se servir da proposta para as suas mais urgentes necessidades, e que assim mesmo no-la envia, não serve para sócio de um clube de porcalhões?

— Não, tornou o presidente: Um sócio do nosso clube não se limpa nunca! E levantou a sessão.

J. d'A.

Quem não puder comprar a MARIA RITA, peça-a emprestada. Desta :: forma, terá graça de graça ::

Décimas... dentro do praso

Depois da bonança...

Lá p'os Estados Unidos
Andam todos em delirio,
Pois acabou o martírio
Que os trazia ressequidos.
Entre grandes alaridos,
Consolaram as goelas,
Secando copos, tigelas,
Com indômita coragem...
Depois de horrível 'stiagem,
Um *tornado*... de *pietas*!

Moda perigosa

A moda neste verão
Para o sexo feminino
Tem por base o purpurino,
Isto é, a côr do zarcão,
Pois eu tenho a convicção
Que essa côr, que é muito usada
Nos capotes de tourada,
Inda há de vir a dar brado,
Por causa de-certo... *gado*
Que por 'hi anda à marrada!

BISNAU.

Fôlhas de Alfaca

Bem contra nossa vontade, somos forçados a deixar para o próximo número esta interessantíssima secção do nosso amigo e brilhante escritor, o Sr. Dr. Tomaz Ribeiro Colaço.

Que êle nos desculpe e os nossos leitores nos perdoem o privá-los duma leitura que sempre os satisfaz.

Ser ou não ser...

Entrando na Brasileiro,
O meu amigo Tomé,
Sentou-se numa cadeira
E mandou vir um café.

Provando a bebida preta
Que, na chic'ra fumegava,
Fêz uma horrenda careta
E quasi que vomitava.

Pondo a chavena de lado,
Com um gesto altivo e duro,
Interrogou o criado:
— Rapaz! O café é puro?

O criado olha o freguês,
Mostrando uma certa mágua;
E depois, muito cortês:
— Não é, não senhor... Tem água!...

BISINA.



A PENSAR MORREU UM BURRO

ÓRGÃO IMPRESCINDÍVEL AO BOM FUNCIONAMENTO DO PENSAMENTO NACIONAL

CHARADAS, ENIGMAS E PREGUNTAS SOFISMÁTICAS

I ANO-N.º 4

DIRECTOR: ZÉ CAGANCHO ♦ REDACTOR: REI DAS MUSAS

15 DE ABRIL DE 1933

QUADRO DE HONRA

K. H. I. (pro Ecos)
OINOTNA
LEMONS D'ALBERGARIA

Decifrações do n.º 50 — 1) Côma, 2) M, 3) Porque a serpente, é um animal que muda de pele e o casaco é uma pele que muda de animal, 4) Sarafim, 5) Automobil, 6) quadropede, 7) Lansol, 8) Zé Cagancho, 9) Mãoos, 10) Sabastião, 11) Cãopo, 12) Chufere, 13) Valanço, 14) Assobe, 15) Alifante, 16) Sereja, seja ou cereja seja, 17) Ecos de Cacia, 18) Pérola Verde, 19) Encuberta, 20) Nem cá, nem lá.

Decifradores — K. H. I. (pro Ecos), 20; Oinotna, 20; Lemos d'Albeagaria, 20; Carlos Elmano, 17; Garimpo, 17; Busina, 17; Rei do Orco, 16; (?), 16; Lérias, 15; Horaciano, 15; Tripeiro, 15; Ohnidog, 14; Só Darco, 13; Pedro de Bourbon, 12; Amarantino, 12; Ricardo Alves Franco, 12; Reirobi, 11; Rutra Luar, 10; Monteiro II, 5; Fantasma negro, 5; D. Juan, 1.



Enigmas em verso

(1)

Eu peço charadistas atenção
P'r'o enigma que vou apresentar,
Poís difícil é a sua solução,
Portanto é preciso matutar.

Eu sou um componente da mulher
Faço parte do seu corpo divino,
E dessa parte amigos podem crer,
Eu sou parte. Parece um desatino!

Em seu corpete eu vivo aconchegado,
Mui alegre, feliz e prasenteiro;
E por vezes me sinto embriagado,
Julgando ser só meu o mundo inteiro!

Rei das Musas.



Charadas em verso

(2)

Em casa do Zé da Neta, — 1
Lá nas faldas do Larouco, — 2
Vive o Bernardo Maneta,
Mais a Rozinha do Mouco.
O Bernardo é um carrasco
Para a pobre da Rozinha;
Vai embebedar-se p'r'o tasco,
Logo ali rente à noitinha.

Chega ao lar de madrugada
E sem dó nem piedade, — 1
Descarrega bordoada,
Na sua pobre metade.

Depois, deita-se a dormir,
A descansar o costado,
Ficando a Rosa a carpir
E êle na cama *ocultado*.

Olegna.

(3)

Quando estava a espreitar
Por um *buraco* do queijo — 1
Fui forçado a retirar
Por causa do mau bafejo.

Vi depois que a *armadilha* — 2
Tinha sido concluída
Pelo filho d'uma filha
Dum *meu irmão na bebida*.

Bico de Encaixe.



Novíssimas

(4)

Quando passou o *animal*, *olhei-te*
para te agradecer o *oferecimento*. — 1-2.

Carlos Helmano.

(5)

Há *três* meses que eu *ligo* muita
importância a uma *casa de espectá-*
culos. — 1, 2.

Ohnidog.

(6)

Ao *toque da campainha*, o público
com *calor* aplaudiu o Juiz que absol-
veu o *réu*. — 2-2.

Ivo Magano.

(7)

Um *homem* atirou a *outro* com uma
pedra. — 1-2.

Pardalão.

(8)

Depois do tribunal dar a sentença,
tudo é *fácil*. — 1-2.

Tricas.

(9)

Oferece o gato que *mia* muito a êsse
homem. — 1-2.

Carlos Elmano.

Ao confrade Olegna

(10)

O Damião *não* lhe *lega* a padaria
por o amigo lhe pôr na dignidade, uma
mancha. — 1-2.

Sepol.

(11)

E' um *pretexto* de tóda a mulher
que *devaneia*, querer suicidar-se por
meio de *veneno*. — 1-2.

Sepol.

(12)

Não se admite que um *hábil* ser-
ralheiro *ande* tanto tempo a concertar
uma *máquina de elevar água*. — 1, 1.

Odnanref.

(13)

Aquele *animal* está *isolado* porque
se atirou à minha *parente* que estava
a cantar uma *canção*. — 1-1-2.

Odnanref.

(14)

Que *lástima* que a entrada na *igreja*
não fosse *suave*. — 1-1.

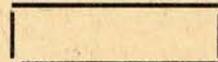
Odnanref.



Enigmas tipográficos

(7 letras, 2 decifrações)

(15)



Animal

Sepol.



Provérbio a adivinhar

(16)

O Malaquias Pavão
E' muitíssimo medroso
Julgando ver o papão,
Fica a tremer de nervoso.

Por ser dêle amigo velho
Lhe disse: Caro Pavão
Aproveita êste conselho:
.....

Henrique Cardoso.

N. B. — Novamente pedimos aos colabora-
dores desta secção, para nos enviarem cada
produção em separado, escrita só de um lado
do papel e com a respectiva decifração.
Não esquecer o nome ou pseudónimo do
autor.

Quem é?

Houve, em Roma, um general,
Um valente imperador,
Que tinha o nome igual
Ao dêste grave senhor.

E' artista genial,
Que desenha com valor;
E fica "sério", afinal,
Se tu tirares, leitor,

Do seu apelido um g.
Palavra, não é "chiqué",
E' verdade, verdadinha.

Que mais te hei-de dizer?
Mais nada, e é de crer
Que decifres a adivinha.

LÉRIAS.

Decifrações do número anterior — *Quem é?*
MARIA RITA.

Mataadores: Constantino Sousa Gomes, Jaime Vieira Dias, Francisco José Rodrigues, Mário Soares, Manuel Soares, Monteiro II, Odnanref, Lemos de Albergaria, Só Darco, Au-Rio, Dr. Casto.

As soluções desta secção tem de ser entregues na nossa redacção até às dezóito horas da terça-feira seguinte.

Posta restante

Folhadela — Para a outra vez mande mais cedo. Depois de 4.ª feira é difícil a inclusão.

José Belo — Infelizmente não fizemos capas. Quando as anunciarmos, para confirmar se daria resultado a sua confecção, pouca gente apareceu. Agora, queriam todos.

D. Juan — Cheira a cipreste que tresanda. A MARIA RITA, não costuma entrar nos cemitério.

Scalabitanus — O «Pescador e a morte» não é da feição da nossa MARIA RITA. E' triste. Está bem feito, mas é triste. Mande outras coisas, por favor.

Zé de Sé — O que não vale é ferver em pouca água. Bem sabe que cá na casa, é como na natureza: nada se perde... O que tem de ser é espaçado. Ainda cá temos o seu *soneto landrusano*. Dê tempo ao tempo, e deixe os outros irem metendo o bebelho um bocadito. São tantos, graças a Deus!...

Colega MARIA RITA:

A Academia de Ciências tem levado, ultimamente, pancada de criar bicho, como soi dizer-se em linguagem corrente. Parece-nos, até, que não há jornal por êsse país fora que lhe não tenha dado a sua pancadinha. Ora podia-se aplicar, aos nossos ilustres académicos, aquela opinião de Quizot sobre um candidato à Academia:

— Dou-lhe o meu voto porque, enfim, diz bem e tem qualidades. Além disso, apresenta-se bem, é polido, educado, distinto, decorativo e... não tem opinião alguma. De resto, eu bem sei que já tem numerosas obras, mas que que-reis, ninguém é perfeito...

A' saída de uma aula de filosofia, dois colegas discutem acaloradamente. Um é alto, muito alto e magro.

O outro é baixo, muito baixo e gordo.

A certa altura, os ânimos azedam-se. O alto para o baixo:

— Você não está à altura das circunstâncias!

O baixo para o alto:

— Olhe, meu amigo, cresça e apareça!

Num dos últimos julgamentos.

O Juiz:

— Réu, qual o vosso estado?

— Assim, assim, senhor juiz. Apenas uma pontinha de febre porque não preguei olho tôda a noite. Agradeço, contudo, o cuidado de V. Ex.ª.

A Tobis filma. A Tobis vai filmar. A Tobis já não filma. A Tobis filma a «Varanda de Rouxinóis». A Tobis já não filma a «Varanda de Rouxinóis». A Tobis filma «Saloios». A Tobis já não filma «Saloios». A Tobis filma «A Aldeia da Roupa Branca». A Tobis já não filma «A Aldeia da Roupa

Branca». A Tobis filma «As Pupilas do Sr. Reitor». A Tobis já não filma as Pupilas. Filma? Não filma? Em que ficamos? Filma? Não filma? E' caso para se cantar:

Pois agora viro eu

Pois agora viras tu...

O Sr. Gomes é uma excelente pessoa, à fé que é verdade.

Pois, como ia dizendo, o Sr. Gomes é uma excelente pessoa e tem um excelente vinho nas suas bem fornecidas adegas — o que, para muitos amigos, é a melhor qualidade do Sr. Gomes.

E' casado, pai de filhos barbados e futuro avô se Deus lhe der vida e saúde.

Colhe para cima de cem pipas de vinho, bem medido. Tem barriga e usa lunetas para ler os periódicos.

O Sr. Gomes, além de outros predicados tem o de mimosear os amigos — e não são poucos! — com uns cálices de belo e aromático vinho do Pôrto.

O André é um bom ponto. Um bom ponto na verdadeira acepção e tem boas saídas de vez em quando.

Ora o Sr. Gomes é amigo do André e o André é amigo do Sr. Gomes. Mas, como não quero levantar falsos testemunhos, direi que o André é mais amigo do vinho do Sr. Gomes. Aqui há tempos, êste convidou o André para um cálice de Pôrto. O André foi. O Sr. Gomes muito amável foi buscar uns cálices e serviu Pôrto do mais velho da sua garrafeira.

— Que tal achas o meu vinho velho, André?

— Oh! Excelente, Gomes, excelente! Só tem um defeito...

— Um defeito? — inquiriu o Sr. Gomes, intrigado.

— Sim! um defeito... cresceu pouco para a idade!... e apontou o cálice pequenino, minúsculo.

MII REIS.

Aquilo que nós sabemos

Grande Concurso Poético da MARIA RITA

Para a quadra que estava feita na nossa redacção e que era do teor seguinte:

As tuas cartas reli
De vezes mais d'um milhão
Pois nem assim consegui
Encontrar-lhes redacção.

recebemos as seguintes quadras:

A's notícias dos jornais
Onde escreve o Damião
Ninguém consegue, jamais,
Encontrar-lhes redacção.

Só Darco.

Até parece incrível
Ligar tanta atenção,
Ao «Ecos». E' impossível
Encontrar-lhes redacção.

Reirobi.

Motes dando em disparate,
Tem sempre esta solução:
De não haver quem se mate
Encontrar-lhes redacção!...

Zephyro.

Confesso-me enfim vencido
Não dar cabal solução,
Ao mote hoje recebido:
Encontrar-lhes redacção!...

Alfredo Cunha (Raza).

Aos artigos do jornal
O «Ecos», do Damião,
E' difícil a um morial
Encontrar-lhes redacção.

(Santo Tirso).

Adriano X. Nel.

O *Ecos de Cacia* fez
Um número de sensação
E' mandá-los outra vez
Encontrar-lhes redacção.

Jaime Vieira Dias.

Com X escreves «Xeguei»!
E com i grego «Lyão»!
Quanto ao resto... nem tentei
Encontrar-lhes redacção.

L. J.

Nas cartas que recebi,
Escritas por tua mão,
Meu amor não consegui,
Encontrar-lhes redacção!

L. Já... sinto.

Se do *Ecos de Cacia*
Saisse o grão Damião
Nada mesmo custaria...
Encontrar-lhes redacção.

Mário Soares.

Para o *Ecos de Cacia*
Das asneiras Campeão
Havemos de ir um dia
Encontrar-lhes redacção.

Manuel Soares.

P'ra MARI RITA prendada
Em qualquer ocasião
Não custava mesmo nada
Encontrar-lhes redacção.

Monteiro II.

Ao ler as tuas asneiras
Lembro sempre o Damião
Pois não posso, nem que queiras,
Encontrar-lhes redacção.

(Barcelos).

Pedro de Bourbon.

Se o «Pérola Verde» escrevesse
Artigos com correcção
Talvez assim se pudesse
Encontrar-lhes redacção.

Rei Louro.

Redigem sem atenção
Os caciaños, ousados,
Difícil para letrados
Encontrar-lhes redacção.

Octávia Maria.

E' impossível, amigos,
(Perdoa-me, ó Damião):
Lá do «Ecos...» nos artigos,
Encontrar-lhes redacção.

Odnanref... ilas.

Tanta asneira nos jornais,
No do Rosa ou Damião!
Mas quem foi aos animais
Encontrar-lhes redacção?

Carlos Elmano.

Os versos desta maneira,
Tólos e sem perfeição,
Não posso mesmo que queira
Encontrar-lhes redacção.

Delfim de Freitas.

Os teus versos, caro amigo,
Muito perfeitos não estão
Porque ao lê-los não consigo
Encontrar-lhes redacção.

(Vila Real).

Quim Grande.

Vi no *Ecos de Cacia*
Notícias de sensação,
Mas, santo Deus, bem queria
Encontrar-lhes redacção.

(Vila Real).

Nuno Grande.

A's tuas cartas de amor
— Labaredas de paixão
Falta — e é pena — o melhor:
Encontrar-lhes redacção.

Diliana.

Nenhum artigo tem fundo,
No jornal do Damião.
Ninguém consegue no mundo
Encontrar-lhes redacção!

(Pôrto).

Horácio Ferreira.

Tantos êrros encontrei
No jornal (?) do Damião,
Que, francamente, não sei
Encontrar-lhes redacção.

Lérias

E' difícil lá nos «Ecos»
Que dirige o Damião
E onde só 'screvem chumecos
Encontrar-lhes redacção.

(Lisboa).

Dr. Casto.

Não assino, não e não
Os tais *Ecos de Cacia*
Pois, jamais eu conseguia
Encontrar-lhes redacção.

Horrirel.

Prós artigos de Cacia,
— O jornal do Damião —
Não se consegue MARIA!
Encontrar-lhes redacção.

Piboá.

Nos artigo de Cacia
Há asnice e presunção
Só falando, qu'arrelia,
Encontrar-lhes redacção.

Adoq.

Da priminha eu qu'ria a mão
Vou escrever carta à Mãe
Mas é difícil, porém,
Encontrar-lhes redacção.

Ursus.

Faço quadras sem miolo
P'ra imitar o Damião.
Vou atrás d'êste parêlo
Encontrar-lhes redacção!

(Barreiros).

Rutra Luar.

Tentei, ontem descrever
Teus olhos, teu coração.
E fui logo, ao amanhecer,
Encontrar-lhes redacção.

Onaicit.

Tendo o *Ecos de Cacia*
Uma Pérola e um Damião.
Como podes tu Maria
Encontrar-lhes redacção.

Lizé.

No tal *Ecos de Cacia*
Do P. Verde e Damião
Nunca pôde esta «Maria»
Encontrar-lhes redacção.

Tónio.

Lia os *Ecos de Cacia*
Feito pelo Damião,
Mas eu nunca conseguia
Encontrar-lhes redacção.

Ohtebasile.

Reli tuas cartas, Marta,
A' luz do meu lampeão.
E não pude!! (Um raí me parta!!!)
Encontrar-lhes redacção.

Britoldo.

E agora toca a glosar esta:

.....
.....
.....
Quando te pões a dormir.

Foi premiada a de Diliana com 30\$00 por ser considerada a mais aproximada.
O segundo prémio não foi atribuído a ninguém por falta de bom humor.

N. B. — Não será publicada mais do que uma quadra a cada concorrente, nem as que derem entrada na redacção depois de Quarta-feira.

PEÇAS E

DE TAVOLA
SERVIR



Comédia na alta roda... familiar!

Peça de seda com punhos de rendas... de casa em estilo neo-aldrabónico Dantesco ou Dantas... co, em um acto e quatro cenas.

PERSONAGENS: O Xavier e a mulher, D. Carlota; a Júlia, o Júlio e a Julinha, uma criada. A Júlia também é conhecida em casa pela Juju e fora dela por Madame X. A Julinha para ter alguma coisa da mãe e pouca do pai, também é de X. P. T. O. O pai é Júlio Carneiro, conhecido na intimidade por Júlio e na roda dos amigos (?) por Carneiro.

Sala estilo moderno, linhas rectas (por causa do estilo, ainda este casal o não era, houve grossa discussão. A Júlia optava pelas linhas curvas e o Júlio ainda ia pelo recto; prevaleceu a vontade do marido. Desta divergência, porém, veio-se a filha a sentir, pois que das linhas curvas da mãe e das rectas do pai, saiu a filha quebrada). Móveis a condizer com o mau gosto mútuo e com a petulância excessiva da filha... estatuetas, bibelots, um reps verde na porta do fundo, dois «maples» também verdes, várias almofadas dispersas onde predomina o verde. Em suma uma casa verde onde uma senhora madura, maduramente premedita as suas madurezas.

ACTO ÚNICO

CENA I

(Carlota e Juju)

CARLOTA — Não digas isso Juju, teu marido complacente como é, não obstará a que realizes os teus intentos...

JUJU — Sim, meu marido faz tudo o que eu quero...

CARLOTA — Ora, e até o que tu não queres — algumas figuras tristes.

JUJU — As figuras que meu marido faz, airoas ou não, são dele e não é isso que me impede de dar completa satisfação aos meus caprichos, vivendo a vida pelo que ela tem de bom e deixando o que ela tem de mau para os outros. Encarando-a, enfim, com a filosofia precisa para não ser dominada por um homem que me é, pela condição social, inferior...

CARLOTA — ...mas que é teu marido!

JUJU — Como o poderia ser de outra mulher que dum momento para o outro se visse na situação desesperada em que eu encontrei o Júlio.

CARLOTA — Queres dizer, casaste com um Júlio como poderias ter casado com um Pan-crácio?

JUJU — E' exacto, o meu ideal...

CENA II

(As mesmas e a Julinha; estilo cinéfito, como qualquer menina que se preza, é pela Greta. Entra correndo.)

JULINHA para a mãe — Ah! Estás acompanhada. Oh! D. Carlota, como está?! Olha, mãe: eu vou à minha lição de piano...

JUJU — Vai filha, não te demores... (Julinha sai).

CARLOTA — Está muito adiantada a Julinha?

JUJU — Não calculas, uma perfeição; acabou o curso de pintura e está agora a tirar o de piano e violino. Na pintura é uma artista. Há poucas que pintem como ela; e na música passa com a maior facilidade dum Fuga de Bach para uma suite em si... maior, dá voltas ao Puccini que é um assombro. Agora tem um Stradivarius que já foi tocado por muitos...

CARLOTA — Mas conta-me o que ias a dizer, do teu ideal!

JUJU — Ora, o meu ideal, não é com certeza o teu...

CARLOTA — E' possível, não é fácil encontrá-lo!

CENA III

(A criada, o Xavier e depois o Júlio Carneiro)

A CRIADA anunciando para a Carlota — O esposo de V. Ex.^a acaba de chegar...

JUJU sobressaltada — Oh! Manda entrar...

CARLOTA — Eu saio já...

XAVIER entrando — Minha senhora, os meus respetos. Sua filha como está?

JUJU — Bem como sempre!

CARLOTA saindo — Dás-me licença? Vou-me arranjar ao teu «boudoir».

JUJU — Fazes favor...

XAVIER — Júlia, porque não apareceste ontem?

JUJU receiosa — Foi-me impossível, meu amor; meu marido não foi ao teatro como havia dito, pelo que me foi impossível sair de casa. (Xavier tenta agarrá-la.)

JUJU — Cuidado, tua mulher pode vir dum momento para o outro.

(Sentem-se passos. E' o Carneiro que vem com a filha.)

JUJU — O Xavier espera a Carlota que se está arranjando no meu «boudoir».

CARNEIRO — Muito bem; o meu amigo já sabe que tem uma casa sempre às ordens. Minha mulher aborrece-se imenso aqui...

CARLOTA voltando — Vamos (repara no Carneiro). — Ah! O sr. Júlio! Como está?

CARNEIRO — Acabava de agradecer ao seu marido e meu amigo a companhia que faz a minha mulher: Suponho que não terá ciúmes. (Ri).

CARLOTA — De forma alguma. Júlia é a minha melhor amiga. Mas, desculpem-nos, temos que sair...

(Beijos, apertos de mão demasiadamente afectuosos. Saem todos menos Julinha que tem estado a destorcer este negócio onde se enganam todos uns aos outros.)

CENA IV

JULINHA só — O que me admira nisto tudo, não é que a mamã seja a melhor amiga da Carlota, visto que o marido também é o melhor amigo da mamã; mas que meu pai seja também amigo do amigo da minha mãe... Enfim, já lá dizia o outro: Inter-amigos...

Carlos ELMANO.

CARTAZ DE HOJE

Sá da Bandeira: A chistosa comédia O noivo das Caldas.

Rivoli: Espectáculo de gala.

Olympia: Cinema sonoro, com esplêndidos filmes.

Trindade: Cinema sonoro, com filmes de grande êxito.

Batalha: Exibição dos filmes Congo-rila e Marido desconhecido.

BARROS



VINHOS DO PORTO

DE

QUALIDADE SUPERIOR

CONCURSO DA MOLHADURA

Formidável certame que a **MARIA RITA** iniciará já no seu próximo número com o gentil concurso da

ADEGA IDEAL DO LAVRADOR

que oferece ela só os seguintes prémios:

Uma pipa de autêntico vinho da Bairrada

Um formidável presunto de Lamego

Uma pesadíssima arrôba de bacalhau

Uma arrôba de açúcar bem medida

Além disso a **MARIA RITA** distribuirá mais

Cinquenta prémios de valor

Vejam no próximo número da **MARIA RITA** as bases e o início do

CONCURSO DA MOLHADURA

A Adega Ideal do Lavrador

tem actualmente espalhadas no Pôrto, Foz, Matozinhos e Valadares-Gaia, 16 ADEGAS: R. do Bomjardim, 361-364 (Esq. da Trav. de Liceiras), Telef. 5617; R. das Fontainhas, 193-195; R. de Santa Catarina, 828 (Frente à R. G. Cristóvam), Telef. 5802; R. da Constituição, 1395; Av. Fernão de Magalhães, 53-55, Telef. 2484; L. Campo Mártires da Pátria, 54-55 (Vulgo Cordearia); L. Maternidade Júlio Denis, 1 e 2 (Vulgo Campo Pequeno); Trav. da Bainharia, 24-26 (Esq. da R. dos Mercadores), Telef. 905; R. Anselmo Braancamp, 633; L. de S. Pedro de Miragaia, 5 e 7; R. Costa Cabral, 524 (Esq. Av. dos Combatentes); R. S. Vitor, 143-A. NA FOZ — R. Senhora da Luz, 238-242, Telef. 314 — Foz. EM MATOZINHOS — R. Conde S. Salvador, 71-73 (Esquina da Avenida Serpa Pinto, Telef. 275 — Matozinhos. EM VALADARES — R. da Estação. EM LEÇA PALMEIRA — R. do Castelo, 17 e 19.